

À SOMBRA DO FASCISMO: O DISCURSO INTEGRALISTA EM OLYMPIA

*"Antes de transpores esta porta,
consulta teu coração: És capaz de
renunciar aos prazeres, ambições,
interesses, à própria vida, pela
grandeza da Pátria? Se ele disser
"sim" então entre e encontrarás aqui
teus irmãos e tua glória."*

A principal discussão em torno da AIB é sua relação ideológica com o fascismo italiano. Afinal, Plínio Salgado, mentor intelectual do Sigma, era ou não fascista? Até que ponto o fascismo influenciou Plínio na concepção do integralismo? Salgado jamais admitiu ser fascista ou ter sido influenciado por esta ideologia, como admitiram outros importantes integralistas, entre eles Miguel Reale e Gustavo Barroso.

A maioria absoluta dos estudos independentes aponta na direção de considerar o integralismo como um fascismo brasileiro, com destaque para o livro “Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30”, de Hélvio Trindade, cuja segunda edição data de 1979. A antítese à teoria da relação entre as duas ideologias parte principalmente do livro “O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio”, de José Chasin.

Essa é uma discussão praticamente superada na historiografia brasileira, o que não ocorre em relação ao fascismo pela historiografia mundial. Não podemos considerar essas duas ideologias fora de combate. Os movimentos neofascistas pelo mundo, especialmente na Europa, e uma espécie de “renascimento integralista”, visível através de núcleos ainda ativos, centros de estudos, sites na Internet e milhares de velhos e novos camisas-verdes disseminando as ideias de Plínio pelo Brasil são uma prova disso. Mas esse debate torna-se instigante também na medida em que se procura analisar o discurso integralista e sua relação com o fascismo na imprensa do interior paulista.

Apesar de não ser o objeto principal da nossa pesquisa é necessário buscar algumas posições sobre o fascismo, já que a ideologia

integralista é identificada com a ideologia italiana e os artigos de integralistas publicados no jornal “Cidade de Olympia” não deixam margem à dúvida.

Em seu artigo *“Repensar o Fascismo”*, Ismael Saz Campos demonstra a incessante busca de especialistas na tentativa de desvendar a verdadeira natureza do fenômeno e suas consequências radicalmente destrutivas. O fascismo representou o maior desafio à democracia liberal e ao sistema de valores inspirado pela Ilustração.¹ Diante da apreensão de Ismael Saz, se ainda discutimos a verdadeira natureza do fascismo italiano, o que dizer então de um movimento ocorrido no Brasil, em condições históricas completamente antagônicas às existentes na Itália. (?)

É evidente que o integralismo sofreu influências do fascismo, como admitem os próprios integralistas, principalmente as que chamam de “exterioridades”. Símbolos, rituais, cerimônias, indumentária, eram meios de fortalecer sua presença nos mais distantes pontos do país. Nos anos 30, a propaganda visual era uma maneira de se fazer notar e foi assim que a Ação Integralista Brasileira conseguiu ser percebida e arregimentar seguidores em lugares como Olímpia, Marcondésia, Monte Azul Paulista, Severínia, Catiguá, no sertão paulista. Não seria somente a eloqüência de seus intelectuais capaz de cooptar simpatizantes e admiradores, uma vez que a maioria da população vivia na zona rural e, portanto, privada dos mais elementares recursos intelectuais. Ex-integralistas entrevistados por este autor admitem que foram atraídos pelas “exterioridades”. João Batista Ricciardi foi um deles, atraído pela obediência, pela Educação Moral e Cívica, pelos desfiles e pelo “reluzente” uniforme.²

As “exterioridades” servem para a filha de Plínio Salgado, D. Maria Amélia Salgado Loureiro, justificar a comparação ao fascismo. Os críticos teriam se apegado às exterioridades, o que seria uma faceta secundária. Plínio Salgado nunca teria considerado o Estado fascista como modelo a ser seguido.³

¹ CAMPOS, Ismael Saz. *Repensar o Fascismo*. Tradução do Prof. Alberto Aggio.- Perspectivas – Revista de Ciências Sociais. São Paulo, v. 22, 1999.

² João Batista Ricciardi nasceu em 23 de junho de 1928 em Olímpia. Foi integralista aos 9 anos, residia numa mansão na esquina da Praça da Matriz, vizinha da sede da A.I.B.. É assistente técnico industrial aposentado. Concedeu entrevista ao autor em 23 de fevereiro de 2001, em Olímpia.

³ Entrevista concedida ao autor no dia 19 de julho de 2001, em São Paulo

A doutrina fascista influenciou os diversos intelectuais do Sigma que abasteciam o Jornal “Cidade de Olympia” com artigos integralistas. Vários aspectos deixam evidente essa influência: o anticomunismo, o antiliberalismo, a crítica à plutocracia, ao individualismo, a defesa do totalitarismo, do Estado corporativista, do partido único, o culto ao chefe, o nacionalismo.

Ítalo Galli reconhece que Benito Mussolini e o fascismo salvaram a Itália do socialismo, mas que o Duce se perdeu porque era contra a religião, achava que não precisava de religião, de Deus.⁴ O distanciamento entre as duas doutrinas residiria no fato do integralismo ter uma visão espiritualista do mundo.

O único caminho paralelo entre o Integralismo e o fascismo é o anticomunismo, o contato integralista com o fascismo não é nada, a não ser coincidência, argumenta Genésio Cândido Pereira Filho. Plínio Salgado nunca fez apologia do fascismo, apenas restrições.⁵

Os sobreviventes do movimento desenvolvem inúmeras teorias para desvincilar o integralismo da influência fascista. Hélio Pellegrini entende que a História foi modificada após a implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas e o integralismo passou a ser sinônimo de fascismo.⁶

Cada integralista tem uma justificativa diferente numa evidente demonstração de que não existe consenso entre os próprios camisas-verdes à cerca da polêmica. Na verdade, o que importa para os integralistas sobreviventes é separar o movimento brasileiro do italiano, pois o fascismo é utilizado atualmente para designar pessoas ou partidos reacionários.

Em sua viagem ao Oriente e Europa, em 1930, Plínio Salgado encontrou-se com Benito Mussolini e em carta escrita ao tabelião de São Bento do Sapucaí, Manoel Pinto, em 4 de julho de 1930, revelou sua admiração pelo que o fascismo fez pela Itália. Plínio revelava na oportunidade

⁴ Ítalo Galli nasceu no povoado de Marcondésia, município de Monte Azul Paulista, em 20 de agosto de 1913. Foi advogado, desembargador e presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo entre 1972-73. Foi chefe municipal do Núcleo da A.I.B. e chefe regional, quando o núcleo se estendeu de Olímpia a Nova Granada. Concedeu entrevista ao autor em 2 de março de 2001, em São Paulo.

⁵ Genésio Cândido Pereira Filho nasceu em São Bento do Sapucaí em 25 de agosto de 1920, é advogado e sobrinho de Plínio Salgado. Concedeu entrevista ao autor em 19 de julho de 2001, em São Paulo.

⁶ Hélio Pellegrini nasceu em Ribeirão Preto em 18 de abril de 1920. Foi Técnico da Profilaxia do Tracoma, do Instituto do Tracoma e Higiene Visual do Estado de São Paulo. Concedeu entrevista ao autor em 29 de maio de 2001, em São José do Rio Preto.

que estava estudando muito o fascismo e que não era exatamente o regime que o Brasil precisava, mas coisa semelhante.⁷ Em outro trecho da mesma carta, Plínio demonstrava entusiasmo pelo que viu na Itália e afirma: “*Há outras cousas interessantíssimas aqui. Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intellectuaes esparsas, coordena-las, dando-lhes uma direcção, iniciando um apostolado.*”⁸ Em 1932, Plínio reúne algumas forças intelectuais e funda a S.E.P. – Sociedade de Estudos Políticos, embrião da A.I.B..

No livro *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado* o fascismo é considerado inaceitável por ser um regime supressor da liberdade individual e que elimina a representação política.⁹

Desde a fundação da ABI, em 1932, nota-se a preocupação de seus membros com a associação ao Fascismo, já que Plínio Salgado disseminava ser a A.I.B. um movimento autóctone, livre da influência política européia. A adoção da camisa-verde é explicada pelo princípio homeopático do similis similibus curantur, ou seja, os semelhantes curam-se com os semelhantes. A inoculação de vírus bom no organismo humano combateria o vírus mal, propiciando a cura do paciente infectado.¹⁰ A intenção era combater os movimentos nazi-fascistas que surgiam no sul do país.

Os integralistas diziam que o povo não poderia, de imediato, compreender as diferenças entre as doutrinas vigentes na época, fascismo, nazismo, comunismo e integralismo, então era necessário chamar a atenção, polarizar o entusiasmo saindo às ruas com uma camisa cor das matas brasileiras e com a saudação extraída dos costumes tupis, Anauê! A adoção de um uniforme seria o antídoto visando abraseileirar os movimentos alienígenas e impedi-los de formar quistos raciais.¹¹

Plínio Salgado procurava demonstrar que ideologicamente integralismo e fascismo se distanciavam, que o movimento brasileiro era uma criação autenticamente nacional, construída para “salvar” o Brasil dentro das

⁷ Plínio Salgado. 4ª Edição. Edição da Revista Panorama, 1937. P. 18 e 19.

⁸ Idem.

⁹ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 38 – São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1981.

¹⁰ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, Meu Pai*. P. 201 – São Paulo. Edições GRD, 2001.

¹¹ Idem.

suas condições históricas. Entretanto, a adoção de uma simbologia análoga à fascista como *Similis similibus curantur* (os semelhantes curam-se com os semelhante) como meio de combater as ideologias estrangeiras, acabou contribuído ainda mais para a associação entre integralismo e fascismo. Tanto que, se por um lado, essa simbologia ajudou a popularizar o movimento e a atrair militantes, por outro, proporcionou uma crítica mais acirrada dos anti-fascistas.

Enquanto os integralistas lutavam e ainda lutam para afastar o estigma de fascistas brasileiros, a maioria dos estudos sobre o movimento caminha na direção oposta. É o caso de Hélio Trindade, que transformou sua tese de doutorado num dos mais importantes trabalhos sobre o tema. O clima de paixão política em que sempre estiveram envolvidos os camisas-verdes ou seus adversários explica porque um movimento típico dos anos 30 não fora ainda objeto de uma análise imparcial, argumenta Trindade.¹²

Trindade afirma em seu estudo que o integralismo aproxima-se muito mais dos fascismos conservadores, o português (Salazarismo), o espanhol (Falange Espanhola) e o belga (Rexismo) em consequência de seu fundamento espiritualista se inspirar na concepção tradicional da doutrina social católica, em oposição ao espiritualismo vago do fascismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista alemão. Embora afirme ser o integralismo um movimento fascista brasileiro, Hélio Trindade se surpreende pelo fato da ausência de qualquer referência explícita à influência fascista sobre a ideologia brasileira: “a suprema ambição do chefe integralista seria a de construir uma doutrina política original. Além disto, seu nacionalismo chauvinista exaltado seria contraditório com a importação de qualquer dimensão da ideologia fascista”.¹³

Trindade entende que a viagem realizada por Salgado a Europa, em 1930, e seu contato com o fascismo italiano o teriam influenciado na concepção ideológica da AIB. Gumercindo Rocha Dorea lembra que alguns grandes pensadores brasileiros colocavam o fascismo como a solução para o

¹² TRINDADE, Hélio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 1 – São Paulo e Rio de Janeiro. Editora Difel, 1979.

¹³ Idem. P. 199.

Brasil. Plínio jamais disse que o fascismo era a solução para o Brasil, mas pode ter havido inspiração.¹⁴

Hélio defende em seu livro a simpatia de Plínio pelo fascismo, que teria influenciado suas ideias e que sua opção em favor da extrema-direita colocou-o numa posição paradoxal, pois ao mesmo tempo que manifestava uma simpatia mais declarada pelos fascismos, procurava conceber um regime original para o Brasil.¹⁵

Já o integralista Gumercindo Rocha Dorea prefere dizer que não se trata de uma doutrina original: “*no percurso dele (Plínio) junto aos pensadores brasileiros, do que ele sentiu na pele da realidade brasileira, nasceu então este sonho de criar uma doutrina, que hoje, se tivéssemos recursos, poderíamos torna-la internacional. O integralismo em si é uma doutrina internacional, mas nascida no Brasil. Fundamental para mim, é o princípio espiritualista que seria característica de um Estado criado no Brasil por Plínio Salgado.*”¹⁶

O sobrinho de Salgado, Genésio Pereira Filho, vê originalidade na doutrina política quanto à formação cultural do povo, a base espiritual do Estado e a síntese integralista que está na trilogia Deus, Pátria e Família. Para ele, nenhum partido político brasileiro criou este aspecto de formação moral e religiosa do povo.¹⁷

Em seu livro Trindade revela que o anticomunismo e a simpatia pelo fascismo europeu foram os principais motivos individuais para a adesão ao integralismo.¹⁸

Ângelo Trento identifica o nacionalismo chauvinista de Salgado como fator de distanciamento entre as duas ideologias, apesar de também ver identidade entre as doutrinas. Apesar da evidente identidade de matrizes, a diplomacia italiana via no nacionalismo integralista elemento de conflito entre as doutrinas. Em seu livro, Trento aponta estreitas relações entre o movimento

¹⁴ Gumercindo Rocha Dorea nasceu em Ilhéus (BA) em 04 de agosto de 1924, é editor e proprietário das Edições G.R.D.. Concedeu entrevista ao autor em 19 de julho de 2001, em São Paulo.

¹⁵ TRINDADE, Hélio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30.* P. 95 - São Paulo e Rio de Janeiro. Editora Difel, 1979.

¹⁶ Entrevista concedida a este autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

¹⁷ Idem.

¹⁸ TRINDADE, Hélio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30.* P. 152 - São Paulo e Rio de Janeiro. Editora Difel, 1979.

integralista e o Governo fascista italiano, apesar da desconfiança inicial do último, que descrevia Plínio como pessoa incompetente politicamente.¹⁹

Talvez Plínio Salgado tenha deixado para outros integralistas a liberdade de expressar sua simpatia pelo fascismo, e assim fizeram Miguel Reale e Gustavo Barroso e a maioria dos que escreveram para o jornal “Cidade de Olympia”, enquanto propagava sua ideologia como autóctone, isenta de qualquer influência estrangeira.

As características entre fascismo e integralismo, no campo das ideias, mais se aproximam do que se distanciam. Os principais fatores de distanciamento foram o imperialismo e o militarismo, extremamente marcantes no fascismo. Todavia, é preciso ressaltar as diferenças históricas, geográficas e econômicas entre os dois países. No Brasil da década de 30 vivendo seu “tempo de lugar”, fora do “tempo do mundo” vivido na Europa, não cabia a defesa do imperialismo e do militarismo.

Ao analisar os artigos de integralistas publicados no jornal “Cidade de Olympia”, percebe-se uma indisfarçável adesão aos princípios fascistas e uma valorização dos líderes Mussolini, Hitler e Salazar. Na verdade, os integralistas que escreviam para o periódico mais pareciam compor uma espécie de *fasci di combattimento*, tamanha a exaltação dos princípios fascistas e a visão de que o integralismo como um mimetismo fascista representaria a salvação da pátria.

No artigo intitulado “Nós e os Fascistas”, publicado em 1936, na Revista *Panorama*, Miguel Reale define as relações existentes entre o integralismo brasileiro e o fascismo europeu: “*Nada de extraordinário, por conseguinte, que sejamos brasileiros, nacionalisticamente brasileiros, e, ao mesmo tempo, apresentemos valores que se encontram também em movimentos fascistas europeus, como o de Mussolini, de Hitler e de Salazar*”.²⁰

A posição atual dos integralistas negando o mimetismo pode ser explicada pela derrota tanto do fascismo quanto do integralismo e, consequentemente, a associação do fascismo a uma ideologia representativa do que existe de mais sórdido politicamente.

¹⁹ TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*. P. 79 – São Paulo. Editora Ática, 1993.

²⁰ REALE, Miguel. *Nós e os Fascistas*. Revista Panorama, 1936.

O integralismo pode ter sido um simulacro do fascismo, uma reprodução propositadamente imperfeita de uma ideologia que se encontrava no auge do debate político da época e que, naquele momento histórico, na esteira do embate com o comunismo, da crise do capitalismo e da democracia e da crítica violenta ao liberalismo, poderia servir aos interesses e à ambição de Salgado em chegar ao poder no Brasil, descontente que estava com os rumos tomados pela Revolução de 30. Mas, por outro lado, uma reprodução adaptada às condições política, econômica, social e geográfica do Brasil e respeitando seu tempo do lugar em relação ao tempo do mundo, que era vivenciado na Europa.

José Chasin representa a antítese dessa ideia de mimetismo e prefere condenar Plínio e o Integralismo não por aquilo que seus inimigos entenderam ou puderam entender que fossem.²¹ Chasin busca entender o movimento pliniano a partir da análise do discurso ideológico de Salgado como escritor, deputado perrepista e jornalista e acusa outros autores de primarem em desconhecer por completo os argumentos de Plínio afirmando a originalidade de seu pensamento.²²

Analizando o discurso pliniano, o autor entende que o chefe da AIB, quase trinta anos depois do movimento, concluiu que: “A *maior parte dos que se enfileiraram no movimento integralista deixaram-se dominar pelas exterioridades, escapando à influência das ideias-fontes, portadoras das energias criadoras e independentes de representações adequadas a determinado momento histórico.*”²³

Assim, torna-se evidente que as exterioridades criadas por Plínio, seja para combater os movimentos nazi-fascistas no Brasil, seja para disseminar o seu movimento, acabaram sendo elementos fundamentais na cooptação de militantes, muito mais do que as ideias, nem sempre compreendidas a fundo pelas massas. Enquanto os intelectuais debatiam no campo das ideias, como em Olímpia onde as expunham pelo jornal, a maioria dos seguidores do Sigma era atraída pelo uniforme, pelas passeatas, pelos

²¹ CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio.* P. 8 – Belo Horizonte. UNA Editora, São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

²² Idem. P.33.

²³ Idem. P. 78-79.

ritos e símbolos e pelo anticomunismo. Também para as pessoas comuns a visibilidade do integralismo estava nas exterioridades. Morador da zona rural em Olímpia, Deonel Rosa guardava na memória a camisa-verde de bolso que os integralistas faziam questão de exibir.²⁴ Perguntado sobre a dimensão do integralismo em Olímpia, Luiz Mori Laraia respondeu que foi um movimento de expressão porque os militantes se serviam de seus emblemas, especialmente a camisa-verde, do sigma que traziam no braço e das bandeiras, que chamavam a atenção e davam a impressão de se tratar de movimento forte, principalmente cultural.²⁵ Vítorio Sgorlon também era atraído pelo uniforme que achava bonito.²⁶

Defensor de que os intelectuais deveriam estar no poder e crítico do sufrágio universal, pois acreditava que o voto universal favorecia a vitória dos que dispunham de mais dinheiro, Plínio talvez não tenha se preocupado com esse fato ou somente o tenha percebido tarde demais.

Chasin observa que são do período em que Salgado escrevia artigos para o jornal *A Razão*, as manifestações mais simpáticas ao fascismo. Porém, elas se efetuam dentro de um quadro pliniano de referência doutrinária, isto é, a leitura e a apreciação do fascismo se dá no itinerário dos parâmetros ideológicos do integralismo, ficando à margem e inobservados os do próprio fascismo.²⁷ O que o autor procura mostrar é que para o integralismo, o fascismo é mais uma forma de ressaltar que a crise e a recusa ao liberalismo são fenômenos internacionais. O fascismo aparece predominantemente como pano de fundo do teatro mundial, e funciona na argumentação pliniana do período como reforço para suas próprias posições, como a desmentir antecipadamente que seu próprio pensamento seja um mero exotismo, como a indicar que seu ideário faça parte do que há de “novo” no mundo.²⁸

Plínio compreendia que a Humanidade estava ajoelhada diante de três altares: o altar da Máquina (capitalismo e comunismo), o altar da Nação (nacionalismo, social-nacionalismo, fascismo, integralismo, etc.) e finalmente, o altar de Deus. Sendo assim, o chefe nacional colocava fascismo e integralismo

²⁴ Entrevista ao autor em 29 de janeiro de 2001.

²⁵ Entrevista ao autor em 12 de outubro de 2000.

²⁶ Entrevista ao autor em 26 de janeiro de 2001

²⁷ Idem. P. 413.

²⁸ Idem.

lado a lado como doutrinas, não idênticas, mas que buscavam alternativas à crise internacional e ao liberalismo.

Uma visão posterior do integralismo sobre o fascismo pode ser encontrada no livro *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*, publicado em 1981 :

O Integralismo considera um regime de circunstância, aparecido na Itália no momento em que o Comunismo avançava assustadoramente, ameaçando a integridade daquela Nação. Não tinha uma doutrina fixa, como o Nazismo. Sua preocupação era o combate ao comunismo. Uma vez no poder organizou o Estado baseado no corporativismo católico, absorvendo o partido cristão de D. Stulzo, no nacionalismo pregado pelo partido desse nome e tradições históricas do povo italiano e seus ancestrais romanos. Tentou debalde dar ao movimento um conteúdo filosófico, por esforço de alguns intelectuais como Giovanni Gentile, mas o sentido político do regime foi pragmático, mais preocupado com as realizações administrativas.²⁹

Ainda de acordo com o livro, o comunismo denomina fascista a quantos lutam contra sua ideologia por ter sido o primeiro movimento pequeno-burguês que se ergueu contra ele. E conclui que a Encyclopédia Soviética define o fascismo como “qualquer ação contrária à revolução do proletariado”.³⁰ Para o Sigma “moderno”, nazismo e fascismo não são ideias oriundas do século XX. Tanto um como o outro são remanescentes das ideias do século XIX, inadequadas ao nosso tempo. Portanto, o Integralismo, uma doutrina do século XX, pelo seu sentido de síntese e critério de co-relações dos fenômenos econômicos-sociais, jamais poderia aceitar o tipo de Estado fascista ou nazista. Além disso, se o Integralismo considera o Estado uma criatura da Nação, não pode aceitar qualquer doutrina que superponha o Estado à Nação. O menor não pode absorver o maior.³¹ Estas são conclusões retiradas pelo movimento

²⁹ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 38 – São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1981.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

após a derrota do fascismo na Segunda Guerra Mundial e a extinção oficial da A.I.B. pelo Estado Novo.

A luta dos camisas-verdes remanescentes no sentido de separar integralismo e fascismo esbarra, primeiro, na falta de consenso entre os próprios militantes, segundo, porque a maioria dessas explicações só surgiram após a derrota dos dois movimentos e, terceiro, porque ao analisarmos as dezenas de artigos publicados por camisas-verdes no jornal “Cidade de Olympia” notamos que seus autores entendiam o integralismo como doutrinariamente associado ao fascismo italiano.*

Como observou Renzo de Felice, parece cada vez mais evidente que, se os vários fascismos tiveram vários aspectos em comum, sentiram a necessidade de se apoiar uns aos outros e acabaram por ter a mesma sorte, nasceram, contudo, de situações e exigências muito diferentes, e cada um deles teve e manteve tais particularidades que se torna difícil, do ponto de vista histórico, falar de um fenômeno efetivamente unitário.³²

* Em contato com este autor Hélio Trindade fez uma análise do conteúdo das entrevistas e da tese defendida por José Chasin: “*Essa aparente contradição entre as entrevistas é esperada. Cada dia que passa, com a derrota do nazi-fascismo, a tendência é separar as “exterioridades” do pensamento de Plínio. Como se trata de um autor prolixo não se pode reduzir tudo ao fascismo, especialmente o que escreveu no exílio português (Vida de Jesus, etc.) e a reedição encadernada de seus livros dos anos 1950, onde foram alteradas todas as expressões comprometedoras (tenho uma nota na minha tese sobre o assunto). Isto explica o discurso dos teus entrevistados, aliás, foram discutir comigo os mesmo argumentos por ocasião da inauguração do arquivo de Rio Claro e os enfrentei com sucesso. Mas o mais grave é o Chasin, que vindo da esquerda embarcou numa canoa furada. Primeiro, porque reduziu o integralismo ao Plínio e esqueceu de Reale, Barroso, etc. Segundo, porque leu a reedição de 1950 e caiu no discurso “renovado”, onde o partido único, o sindicato único, o corporativismo evaporaram. Terceiro, fez uma análise dogmático-dedutiva: se o “capitalismo era hiper-tardio” no Brasil, não poderia teoricamente haver fascismo, logo presta um serviço para os integralistas: tudo que pudesse ser confundido com fascismo diz que é “tático” para beneficiar-se do prestígio do fascismo. Só tem uma saída: testar a hipótese de vários ângulos (ideologia, base social, organização, atitudes) e ter a possibilidade de entrevistar os “velhos” que confessavam terem sido realmente fascistas “brasileiros”.*

Diante dos fatos não há argumento. Foi o que tentei fazer.”

³² FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. P. 22.

O Fascismo Integralista no Jornal “Cidade de Olympia”

Se por um lado os integralistas atualmente tentam dissociar integralismo e fascismo, o mesmo não acontecia com os camisas-verdes que escreviam para o jornal “Cidade de Olympia”. Os artigos deixam transparecer que estes integralistas sabiam perfeitamente que estavam participando de um movimento de tendência fascista e assim manifestavam suas esperanças de que Plínio Salgado viesse a ser o “nosso Duce, o nosso Führer, o nosso Salazar”. Em praticamente todos os artigos redigidos por integralistas locais, estaduais e nacionais encontram-se referências ao fascismo e em nenhum deles existe a preocupação de disseminar o integralismo como uma doutrina autóctone. A “salvação” da Itália, Alemanha e Portugal pelo fascismo parecia servir de estímulo aos camisas-verdes, que enxergavam na A.I.B. a transposição do movimento “salvacionista” europeu para o Brasil.

Escritores como Philemon Patráculo Ribeiro da Matta não escondiam sua profunda admiração pelo nazi-fascismo, deixando evidente sua adesão ao integralismo por ser doutrinariamente ligado ao movimento italiano. Mesmo o jornal “Cidade de Olympia” parecia nutrir simpatia pelo fascismo. Primeiro, porque apoiava o integralismo e identificava-o como fascismo brasileiro e, segundo, porque a partir das primeiras notícias sobre o surgimento da Ação Integralista o periódico deixa de publicar artigos criticando o fascismo, apesar de seu último diretor, Luiz More Laraia, afirmar que o jornal não era simpatizante do Integralismo. Entre 1932, ano da fundação da Sociedade de Estudos Políticos e da Ação Integralista Brasileira, e 1937, data do fechamento da A.I.B. pelo Estado Novo, foram publicados 93 artigos e notícias sobre o Sigma. A maioria deles em primeira página.

Ao contrário dos jornais integralistas, o “Cidade de Olympia” não vinculava as notícias locais ao movimento. O órgão se limitava a abrir espaço às notícias e artigos escritos por camisas-verdes, mas deixando claro em seus comentários a simpatia pela A.I.B.. Na maioria dos artigos, nota-se uma preocupação constante dos autores com as principais questões nacionais e internacionais da época, como democracia, liberalismo, capitalismo, comunismo, fascismo, antisemitismo e sufrágio universal, temas sempre recorrentes em seus artigos.

Em seu livro *Integralismo – Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*, Rosa Maria Feiteiro Cavalari afirma que a palavra impressa ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela A.I.B. e era, principalmente, por seu intermédio, que a doutrina integralista chegava até ao militante.³³ Segundo a autora, uma primeira olhada nos jornais produzidos pelo movimento evidencia que o objetivo da imprensa integralista era a doutrinação.³⁴

Apesar de não fazer parte da imprensa oficial integralista, o jornal olimpiense tinha as mesmas funções, divulgar a ideologia e doutrinar. Os primeiros artigos publicados no “Cidade de Olympia” divulgavam os princípios do movimento, principalmente, os contidos no Manifesto de Outubro de 1932. Em seguida, o órgão passou a publicar artigos doutrinadores e notícias sobre o Núcleo Municipal de Olímpia.

O estudo de Rosa Cavalari teve como base os jornais integralistas disponíveis no Arquivo Público Municipal de Rio Claro. Já este trabalho parte da análise do discurso integralista num jornal não comprometido diretamente com o movimento. Através dele, é possível se ter uma visão do que pensavam camisas-verdes do interior sobre a relação fascismo-integralismo.

Em 1929, o jornal “Cidade de Olympia” já abria espaço pela primeira vez para a publicação de um artigo escrito pelo futuro chefe nacional da A.I.B., Plínio Salgado. Com o título *Júlio Prestes e a Nação*, publicado na edição de 27 de outubro, Salgado defendia a candidatura do então presidente de São Paulo à presidência da República: “*Júlio Prestes não deve mais ser encarado como um candidato de partido, e sim como um candidato da Nação. Seu nome não representa uma formula partidária, mas uma solução aos interesses magnos da República.*”³⁵ Ainda em 1929, Plínio era filiado ao Partido Republicano Paulista.

Analizando este artigo é possível perceber a frustração que teria Plínio Salgado com a Revolução de 1930. Tanto que Plínio Salgado vai abandonar o P.R.P. para mais tarde fundar o movimento integralista. Ainda em

³³ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massa no Brasil (1932-1937)*. P. 79 – Bauru. Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000.

³⁴ Idem. P. 80.

³⁵ SALGADO, Plínio. *Júlio Prestes e a Nação*. Jornal “Cidade de Olympia”, 27 de outubro de 1929. S/P.

1930, Plínio já era reconhecido como escritor nacionalista, pois como deputado havia apresentado ao Congresso Estadual um projeto de lei instituindo um concurso anual para escritores de obras literárias infantis, poesias e canções brasileiras. O reconhecimento pelo “gesto de elevado patriotismo” partiu de Manuel Mendes, no artigo *O Brasil de Amanhã*, publicado na edição de 19 de janeiro de 1930.³⁶ Mesmo antes da fundação do movimento, é importante perceber a convergência de ideias daqueles que mais tarde se tornariam integralistas.

Um outro exemplo é o do médico Philemon Ribeiro da Matta, autor do artigo *A Nossa Pá de Cal*. Nele, Philemon confessa desprezo pelos poderosos e manifesta seu nacionalismo ao declarar seu “amor pelo Brasil”.³⁷ Em outro trecho do artigo, Philemon critica os governos despóticos de Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Washington Luís e suas toneladas de mazelas. Sua crítica se estende aos que preferem o comunismo de Luiz Carlos Prestes: “soldado de valor que admirávamos, porque nelle pulsava um coração ardente de patriota, mas sobre quem agora depositamos a nossa pá de cal pelas ideias communistas de seu manifesto”.³⁸

Duas importantes convergências ideológicas dos futuros camisas-verdes podem ser observadas, o nacionalismo e o anticomunismo, mas também existiam divergências políticas entre eles. Enquanto Plínio defendia a eleição de Júlio Prestes e se decepcionava com a Revolução de 30, Philemon da Matta saudava o episódio como uma nova proclamação da República. Em artigo publicado no dia 2 de novembro de 1930, Philemon escrevia:

“As mesmas forças identificadas com as aspirações populares, alijam no chão a ditadura mais indecente do mundo e as oligarchias prenhes de ladrões dos Estados, e conduzem para a prisão o despota, cheio de cegas paixões, cujo coração não se apiedava com a desgraça da pátria e de seus irmãos, contanto que sua vaidade fosse plenamente satisfeita.”³⁹

³⁶ MENDES, Manuel. *O Brasil de Amanhã*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de janeiro de 1930. S/P.

³⁷ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Nossa Pá de Cal*. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de junho de 1930. S/P.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem. *A República*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de novembro de 1930. P. 1.

Tempos depois, Plínio Salgado e Philemon da Matta tornariam-se amigos e defensores das mesmas ideias, que mais tarde seriam perseguidas por Getúlio Vargas. Mas se Plínio tentou propagar a autenticidade de seu projeto, o mesmo não se pode dizer de Philemon, que se constituiu no maior propagandista da relação entre integralismo e fascismo.

No ano de 1931, o jornal “Cidade Olympia” publicou alguns artigos sobre o fascismo italiano. O primeiro deles intitulado *Com o “Fascio”*, escrito por um certo João de Olímpia, critica a demasiada expansão do fascismo no Brasil e, especialmente, em São Paulo. O texto segue criticando a perseguição implacável promovida pelo “deus fascista” contra os anti-fascistas ou mesmo aqueles que apenas se opõe a doutrina. João de Olímpia manifesta seu temor de que a propaganda fascista “arme sua tenda nos campos da política brasileira”.⁴⁰

Em outro artigo assinado por Dr. T. Miranda, o fascismo também é criticado e julgado como abominável como tudo que suprime de modo completo a liberdade. T. Miranda entendia que não haveria lugar algum onde pudesse germinar outro fascismo e surgir outro Mussolini. No artigo, Miranda parece prever acontecimentos futuros: “...*Em todos os outros países do mundo para onde se ensaiou transplantar o fascismo, a tentativa foi coroada da mais amarga decepção.*”⁴¹ Na carta endereçada ao diretor do jornal, Miranda faz alusão à intolerância dos fascistas olimpienses, que não aceitavam críticas ao fascismo e ao Duce.

Ainda em 1931 será publicado o último artigo criticando o fascismo. O texto assinado por “Milagroso” chama os brasileiros de imbecis por tolerar as insolências do fascismo no Brasil: “...*imbecis porque levamos a sério o fascismo e os fascistas e não temos tido autoridade bastante para faze-los calar ou então mostrar-lhes o caminho do seio de Mussolini...*”⁴² Ele se refere a um episódio ocorrido em 1931 envolvendo o embaixador italiano no Brasil durante o embarque de aviadores da Itália, em que autoridades brasileiras foram chamadas de imbecis.

⁴⁰ OLÍMPIA, João de. *Com o “Fascio”*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de janeiro de 1931. S/P.

⁴¹ MIRANDA, T.. *Carta ao Snr. Luiz Mori*. Jornal “Cidade de Olympia”,

⁴² Idem.

A primeira notícia veiculada pelo jornal sobre o que viria a ser o movimento integralista, a S.E.P. (Sociedade de Estudos Políticos), foi no dia 15 de maio de 1932 e destacava Plínio com uma das “maiores celebrações do Brasil Novo” e o ingresso de Philemon da Matta na sociedade a convite de seu fundador.⁴³

Na edição seguinte do jornal, em 22 de maio, no artigo intitulado “*Pelo Brasil*”, escrito por “Zé Pequeno”, a Sociedade era saudada como aquela que chegou para combater por todos os meios a politicagem de oportunistas sem ideias e os que se agarram às tetas do tesouro em proveito próprio.⁴⁴ Em outro artigo sobre a S.E.P, o “*Cidade de Olympia*” inicia a divulgação dos seus princípios, dirigida aos *moços de Olympia, aos intellectuaes e estudiosos, a quem, amanhã, serão confiados os destinos de nossa pátria*.⁴⁵ O texto é assinado por um provável militante que se identificava apenas pela letra “X” e que já havia escrito outro artigo no mesmo jornal defendendo a ditadura como único meio de salvar o Brasil.

Mesmo vivendo no sertão paulista, distante da Capital e, portanto, com pouco contato com os principais líderes integralistas, o médico Philemon da Matta demonstrava um amplo conhecimento ideológico sobre o movimento, pois em seus textos aparecem críticas pontuais ao que o Integralismo combatia. O sufrágio universal era um exemplo desse entrosamento doutrinário de Philemon. Em 1932 ele escreveu para o jornal criticando o sufrágio universal que considerava uma mentira. Matta embasava sua crítica no fato do país possuir 40 milhões de habitantes e menos de 2 milhões de eleitores, sem nenhuma noção de civismo, votando pelo cabresto sem ao menos saber se o Brasil era república ou monarquia.⁴⁶ A crítica ao sufrágio universal foi uma das bandeiras do integralismo, que pregava o voto profissional como o que melhor e mais fielmente traduziria a defesa dos interesses do povo.

O próprio jornal ao divulgar informações sobre a Ação Integralista mostrava estar afinado com a doutrina, como na edição de 29 de outubro de 1933, onde está estampada a foto de Plínio e ao final do texto o comentário:

⁴³ A S.E.P.. ”. Jornal “*Cidade de Olympia*”, 15 de maio de 1932. S/P.

⁴⁴ PEQUENO, Zé. *Pelo Brasil*. ”. Jornal “*Cidade de Olympia*”, 22 de maio de 1932. S/P.

⁴⁵ X. A “S.E.P. ”. Jornal “*Cidade de Olympia*”, 29 de maio de 1932. S/P.

⁴⁶ MATTA, Philemon Ribeiro da. *O Sufrágio Universal é uma Mentira*. ”. Jornal “*Cidade de Olympia*”, 03 de julho de 1932. P. 1.

A “Cidade de Olympia”, acompanhando de perto esses movimentos pela implantação da pátria totalitária, una, indivisível, grande e eterna, tem o prazer de honrar suas columnas de hoje estampando o retrato do chefe integralista Plínio Salgado, uma das mais privilegiadas cerebrações do Brasil novo, como pensador, sociólogo, litterato, jornalista e homem de acção e patriotismo insuperável. Plínio Salgado (P.)⁴⁷

Mas o jornal não só nutria simpatia pelo Sigma como também considerava o integralismo um movimento fascista. Isso fica explícito na edição do dia 5 de novembro de 1933, quando o “Cidade de Olympia” estampou uma foto de Gustavo Barroso fazendo a saudação do Anauê! e o texto que acompanha a matéria a associa à moda de todos os fascistas do mundo.⁴⁸ Na edição do dia 19 de novembro do mesmo ano é publicada uma entrevista de Plínio ao jornal, onde são expostas as suas ideias. Ao agradecer a entrevista, o “Cidade de Olympia” refere-se ao integralismo como o fascismo brasileiro.⁴⁹

Entre 1932 a 1937 o jornal “Cidade de Olympia” permitiu um único artigo criticando o integralismo. Sylvino Costa Moraes chama os adeptos do integralismo de fascistas carolas, que tentam burlar as massas e os incautos para provarem as vantagens ilusórias do fascismo: “...fazem em seu programma, uma crassa parodia do syndicalismo – isto, porém, para inglez ver e allemão cheirar, ou melhor, em these, porque na prática a dansa será outra – pois, os seus graduados são todos grossos e gordíssimos burguezes.”⁵⁰ O artigo prossegue dizendo que o Integralismo tira a soberania do povo e dos Estados confederados e ironiza que o Brasil precisaria de um segundo Mussolini que os camisas-verdes se encarregariam de criar.⁵¹

A edição de 19 de fevereiro de 1933 vai marcar o aparecimento do primeiro artigo escrito por um camisa-verde vinculando a A.I.B. ao fascismo europeu. O artigo assinado por R.M. (Philemon Ribeiro da Matta), elevava Mussolini à condição de salvador da Itália (“que tornou-se grande e feliz”) e anunciava que Salazar estava concertando o “pequenino e formoso Portugal”.

⁴⁷ Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de outubro de 1933. P. 1.

⁴⁸ Jornal “Cidade de Olympia”, 05 de novembro de 1933. P. 1.

⁴⁹ O Novo Verbo do Integralismo. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de novembro de 1933. S/P.

⁵⁰ MORAES, Sylvino Costa. Qual Será o Melhor Regime Político-Social de um Povo. Jornal

“Cidade de Olympia”, 05 de fevereiro de 1933. P. 1.

⁵¹ Idem.

⁵² A apologia aos regimes fascistas na Itália e em Portugal tinha a finalidade de mostrar que somente um regime análogo a estes no Brasil seria capaz de salvar o país das lutas fratricidas.⁵³ Aludindo a Mussolini e Salazar, Philemon concluiu seu pensamento perguntando a Plínio Salgado até quando teremos que esperar pelo “nosso Duce” assumir o poder no Brasil.

Mas não era só Philemon que depositava suas esperanças de salvação no fascismo. Mussolini volta a ser elogiado em outro artigo publicado em 1933, de autoria de Leonardo Posella Segundo. Elevado à condição de “sonda do espírito humano”, Mussolini era o gênio excepcional, um fenômeno oportuno que glorificava a tradicional Itália.⁵⁴ Outro que elogiava o fascismo, sem aparente vínculo ao integralismo, é Brasilino de Carvalho, no artigo *Fascismo e Communismo*. O advento do fascismo na Itália teria revelado ao mundo a figura impressionante de Mussolini, a personificação do mais perfeito estadista da história da civilização. O autor chegou a chamar Mussolini de super homem, de novo “Messias” do cristianismo.⁵⁵ Entre fascismo e comunismo, enxergava o fascismo como muito mais simpático e racional e a vitória nazista na Alemanha seria a própria vitória da civilização ocidental.⁵⁶ O título do artigo de Brasilino de Carvalho deixa evidente que mesmo nas cidades do sertão brasileiro se debatia a polarização política entre fascismo e comunismo. Contudo, o conservadorismo rural dessas cidades, especificamente Olímpia, não permitia um embate democrático, onde as duas correntes políticas pudessem se expressar em condições equivalentes. Na década de 30, o jornal “Cidade de Olympia” não publicou um único artigo ou notícia favorável, ou mesmo isento, ao movimento comunista, apenas ataques partindo de fascistas e integralistas. A reduzida presença de comunistas na cidade e a perseguição desencadeada pelo governo varguista podem explicar a inexistência de um contra-ataque comunista. Os poucos comunistas locais, operários em sua maioria, preferiam manter-se num quase anonimato, evitando conflitos com os muitos fascistas e integralistas. Ruy do Amaral, fundador do

⁵² R.M.. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de fevereiro de 1933. P. 1.

⁵³ Idem.

⁵⁴ SEGUNDO, Leonardo Posella. *Política de Mérito*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de junho de 1933. S/P.

⁵⁵ CARVALHO, Brasilino de. *Fascismo e Communismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de janeiro de 1934. S/P.

⁵⁶ Idem.

Núcleo da A.I.B., conta que os pouquíssimos comunistas da cidade criticavam o integralismo, mas sem aquele extremismo dos embates nas capitais. As discussões se resumiam a um bate-boca na praça central, sem nenhuma repercussão.⁵⁷

Philemon da Matta era um integralista convicto de que o fascismo salvaria o mundo e, consequentemente o Brasil, por isso seus discursos sempre objetivavam aproximar as duas doutrinas. Matta entendia que seria benéfico para o progresso da A.I.B. demonstrar as afinidades ideológicas. Afinal, antes do início da Segunda Guerra o fascismo era visto com simpatia por diversos setores da sociedade. Em seu livro *Memórias – Destinos Cruzados*, Miguel Reale retrata o fascismo como um movimento de caráter universal, que explicaria a simpatia que a doutrina suscitava na primeira fase de sua atuação.⁵⁸ Reale lembra as referências elogiosas de Churchill a Mussolini antes da invasão da Abissínia e de sua participação na Guerra Civil Espanhola. Alceu Amoroso Lima observou que o New Deal, o plano econômico do presidente norte-americano Roosevelt, não era mais que “um fascismo à maneira yankee”.⁵⁹ Encontramos referência semelhante no artigo de Brasilino de Carvalho, *Fascismo e Communismo*: “A imprensa universal, quase unanimemente sympathica à Victoria de Hitler e, consequintemente ao regimem fascista argumenta que até nos Estados Unidos o presidente Roosevelt colocou em prática medidas já adoptadas pelo fascismo.”⁶⁰

Miguel Reale foi outro importante camisa-verde citado por Philemon para reforçar a identidade entre integralismo e fascismo. Trechos do texto *A Posição do Integralismo*, de Miguel Reale, publicado nos *Estudos Integralistas*, uma espécie de cartilha do Sigma, foram transcritos por Philemon para o jornal de Olímpia. Na parte do texto transcrita, Reale afirma: “O Fascismo encontrou o remédio para os males que o socialismo revelou. O Estado precisou recorrer à violência para impor a ordem entre os grupos fortíssimos em lucta. Qualquer que tenha sido a sua origem, hoje o Fascismo é

⁵⁷ Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

⁵⁸ REALE, Miguel. *Memórias – Destinos Cruzados*. P. 74.

⁵⁹ Idem. P. 93.

⁶⁰ CARVALHO, Brasilino de. *Fascismo e Communismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de janeiro de 1934. S/P.

*a identificação do Estado com os grupos profissionais, com a Nação.*⁶¹ Gustavo Barroso em seu livro *O que o Integralista deve saber* faz exatamente a mesma afirmação.⁶² Mais tarde, em 1987, Reale tentou justificar sua simpatia ao fascismo. Ele admitiu ter reconhecido a tentativa fascista de superar as duas doutrinas tradicionais da época (liberalismo e socialismo). Todavia, contrapunha-se ao “cesarismo mussoliniano”, que realizava uma ordem política de cima para baixo.⁶³ Reale advertia que o espírito fascista animava uma estrutura política de absoluta centralização (Estado Totalitário) somente comparável ao governo dos Soviets e acrescentava que se devíamos seguir o exemplo fascista em alguns aspectos deveriam ser ressalvadas as diretrizes peculiares ao meio brasileiro.⁶⁴ Philemon dizia que o integralismo não era uma cópia do fascismo, mas que tinha pontos de contato nas ideias gerais.⁶⁵ Os *Estudos Integralistas* chegaram às mãos de Matta enviados pela sede da A.I.B. em São Paulo.

Tanto Reale como Philemon nunca esconderam sua simpatia pelo fascismo italiano. A simpatia de Philemon fica ainda mais explícita num outro trecho do mesmo texto, onde chama Mussolini de “gênio que concertou a Itália” e elogia Hitler por fazer a Alemanha “voltar aos áureos tempos”.⁶⁶

O fascismo de Philemon da Matta fica ainda mais transparente no artigo *Integralismo*, de outubro de 1933, quando volta a elogiar os fascismos italiano, alemão e português. Na Alemanha, o fascismo “operava milagres” e em Portugal “salvou a pátria de nossos maiores”. Philemon entendia Mussolini, Hitler e Salazar como três figuras de projeção mundial.⁶⁷ Mussolini era alçado à posição de salvador do mundo da barbárie comunista, da negação de Deus e da profanação das famílias.⁶⁸

A relação entre integralismo e fascismo ganhou um novo contorno com o artigo de um camisa-verde de importância nacional. Madeira de Freitas,

⁶¹ MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Ação Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de julho de 1933. P. 1.

⁶² BARROSO, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. P. 102.

⁶³ REALE, Miguel. *Memórias – Destinos Cruzados*. P. 86.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Ação Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de julho de 1933. P. 1.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem. *Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de outubro de 1933. P. 1.

⁶⁸ Idem.

chefe integralista do Distrito Federal e catedrático da Escola de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, mostra uma posição ambivalente ao rebater a acusação de “copiadores de Mussolini” e ao mesmo tempo derramar-se em elogios a Mussolini. No artigo, Madeira de Freitas aponta a camisa-verde como uma instituição “garibaldina”, isenta de influências estrangeiras, mas não via culpa em imitar as ideias de um “grande homem” (Mussolini): “...não é porventura a vida, em si, uma série de imitações de toda a espécie?”⁶⁹ Afinal, liberalismo e comunismo não eram doutrinas originalmente brasileiras.⁷⁰ A opinião do chefe integralista do Rio de Janeiro é emblemática, pois aponta na direção de um certo consenso entre os camisas-verdes da época sobre a identidade ideológica dos dois movimentos.

O expansão do fascismo pelo mundo foi classificada de “epidemia” por uma notícia veiculada pelo jornal em 1934, que atingia o Brasil através do que o redator chamou de “camisas azeitonas do sr. Plínio Salgado”. A notícia identificava o integralismo como o movimento fascista mais inofensivo de todos.⁷¹ O texto nem ataca e nem elogia o fascismo e faz referências aos camisas negras na Inglaterra e a seu principal líder Oswald Mosley, aos camisas pardas no Canadá, aos fascistas na Grécia, à Guarda de Ferro na Romênia, aos nacional-socialistas na Áustria e aos Jovens Filipinos nas Filipinas.⁷²

Fascismo e integralismo não eram considerados formas de governo, mas sistemas doutrinários que se acomodariam a qualquer forma de governo, monarquia ou república.⁷³ Um certo Conselheiro Y, da Ação Integralista, não enxergava as duas doutrinas como ditaduras, pois assim sendo em última análise todas as formas de governo seriam ditaduras pelo fato de que a coletividade não poderia se afastar da Constituição que a rege.⁷⁴

Em setembro de 1934, o jornal “Cidade de Olympia” publicou a mais contundente declaração fascista de Philemon Ribeiro da Matta. O artigo revelava um Philemon ainda mais convencido de sua participação num

⁶⁹ FREITAS, Madeira de. *O Movimento Integralista no Brasil*. Jornal “Cidade de Olympia”, 18 de março de 1934. S/P.

⁷⁰ FREITAS, Madeira de. *O Movimento Integralista no Brasil*. Jornal “Cidade de Olympia”, 18 de março de 1934. S/P.

⁷¹ *A Marcha do Fascismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de março de 1934.

⁷² Idem.

⁷³ Y. Conselheiro. *Não Confundir*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de abril de 1934. S/P.

⁷⁴ Idem.

movimento fascista brasileiro. Em *Como Conheci Plínio Salgado*, Philemon descreveu que passou a admirar Plínio lendo as “Notas Políticas” que o chefe integralista publicava diariamente no jornal “A Razão”, consideradas “um evangelho novo”, “um canto de liberdade”.⁷⁵ Ao saber por meio de Alpíolo Lopes Casali quem era o autor das “Notas Políticas”, Philemon da Matta exaltou: “...E, desde esse dia, Plínio ficou sendo o meu ídolo, o meu Duce, o meu Führer, o meu Guia. Plínio falando é a própria Alma do Brasil dizendo o que sente, contando o caminho que se tem de trilhar”.⁷⁶ O mesmo artigo foi publicado no livro “Plínio Salgado”, edição da Revista “Panorama” em 1937, em que importantes integralistas falavam sobre o chefe nacional.

Todavia, a mais importante notícia sobre o integralismo publicada pelo “Cidade de Olympia” foi uma entrevista concedida por Plínio Salgado ao jornal em 1933, após retornar de viagem ao norte do país.⁷⁷ A reportagem é emblemática pois se antagoniza ao viés mais utilizado pelos integralistas para negar a identidade entre integralismo e fascismo, o de que Plínio nunca admitiu a ligação. Em matéria de primeira página, Plínio discorreu sobre os partidos políticos existentes no Brasil (liberais democráticos, confederacionistas, sociais-democráticos e socialistas, comunistas da direita e da esquerda, anarco-sindicalistas, sindicalistas revolucionários, sindicalismo livre, reacionários com rótulos de fascistas) e a posição contrária do integralismo à existência de todos eles. Entretanto, ao discorrer sobre os partidos reacionários, Plínio Salgado criticou aqueles que se rotulam de fascistas, falou numa cultura de superioridade do fascismo e admitiu a afinidade com a doutrina italiana:

“É uma injuria se rotularem de fascistas certas organizações que se anunciaram partidárias da violência, do chicote, da abolição da liberdade. Esses grupos representam interesses de aventureiros, porque, o fascismo não é contra os operários nem contra a liberdade humana. O que esses partidos que se dizem fascistas pretendem é a ditadura cruel, em proveito dos mais favorecidos. Imitando o que o fascismo teve necessidade de fazer numa hora calamitosa de

⁷⁵ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Como Conheci Plínio Salgado*. Jornal “Cidade de Olympia”, 23 de setembro de 1934. S/P.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Segundo o jornal “Cidade de Olympia”, a entrevista foi intermediada pelo Dr. Philemon da Matta, pouco antes de Plínio partir para o Rio de Janeiro, onde se encontraria com o Interventor da Bahia, Juracy Magalhães.

*desordem, essas correntes ignoram o que há de cultura, de superioridade no movimento italiano, quanto a nós, integralistas, temos muita afinidade com a doutrina fascista, e nada temos de truculência. É verdade que somos enérgicos, e agiremos sem termos nem piedade contra os inimigos do Povo e da Nação. Mas garantimos a dignidade do Homem, jamais pretendendo seguir os methodos daquelles que dizem constituir a questão social um caso de polícia. Estejam, pois, os integralistas prevenidos contra esses fascismos falsificados, a serviço de ambiciosos políticos.*⁷⁸

Plínio Salgado deixou transparecer duas preocupações: primeira, a provável concorrência do que considerava “falsos” partidos fascistas que estariam surgindo e, segunda, em disseminar o integralismo como único partido brasileiro autenticamente fascista. Em nota final, o jornal agradeceu a entrevista do chefe nacional da A.I.B. e a interferência do Dr. Philemon da Matta e chamou o integralismo de fascismo brasileiro.⁷⁹ Em artigo de sua autoria publicado em 1935, Plínio repeliu aqueles que acusavam o integralismo de receber dinheiro de Hitler e Mussolini e de ser estipendiado pelos capitalistas, pela burguesia e o pelo clero.⁸⁰ Apesar de ferrenho anticomunista, Philemon da Matta via o comunismo como uma experiência respeitável ao lado do integralismo e Rússia e Itália seriam os laboratórios dessas experiências.⁸¹ O fascismo teria feito da Itália fraca e decadente uma nação feliz e poderosa e o comunismo teria transformado a Rússia desprezada e sem conceito numa nação considerada e forte.⁸² O integralista tinha uma visão maniqueísta da polarização ideológica dos anos 30. O fascismo, o bem, agiria dentro dos princípios cristãos, respeitando Deus, Pátria e Família, enquanto o comunismo, o mau, inspirado no materialismo histórico e “santificando” Marx e Engels.⁸³

Essa polarização maniqueísta está presente na maioria dos artigos de camisas-verdes, estabelecendo o integralismo, o fascismo e o

⁷⁸ O Novo Verbo do Integralismo. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de novembro de 1933. P. 1.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ SALGADO, Plínio. *Soffrei, sonhadores do Bem!*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de junho de 1935.

⁸¹ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Aos Integralista de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de outubro de 1934. P. 1.

⁸² MATTA, Philemon Ribeiro da. *Aos Integralista de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de outubro de 1934. P. 1.

⁸³ Idem.

nazismo como os amigos de Deus, da Pátria e da Família.⁸⁴ Do outro lado, estavam os anarquista, os comunistas e os bolchevistas. Plínio Salgado era sempre saudado como a esperança de salvação da pátria, o “nosso” Salazar, Hitler, Mussolini.⁸⁵ Fuad Daud em seu artigo *Esboço de uma Victoria* se posicionava de maneira ambígua. Ao mesmo tempo que inseria o integralismo numa modalidade de doutrina autóctone, entendia a A.I.B. como inspirada na política fascista.⁸⁶

Os principais acontecimentos mundiais eram objeto de análise no jornal “Cidade de Olympia”. As notícias vinham sempre acompanhadas por comentários de algum intelectual local, prevalecendo assim uma visão unilateral do assunto, já que não havia a preocupação do jornal em ouvir opiniões divergentes. Neste aspecto, um artigo sobre a Guerra Civil Espanhola chama a atenção. Escrito pelo advogado olimpiense Ruy do Amaral, o texto faz um relato sobre o que ele chamava de drama espanhol e defendia as forças fascistas do General Franco, que lutavam pela tradição, patriotismo, religião e família.⁸⁷ Amaral acrescentou que no Brasil “assistíamos ao sucesso da Espanha com notada simpatia pela causa dos rebeldes” (franquistas).⁸⁸

Fundador do Núcleo da A.I.B. em Olímpia, Ruy do Amaral nunca deixou explícito em seus artigos que entendia o integralismo como uma cópia fascista. Contudo, Amaral admite atualmente que num certo sentido compreendia que a Ação Integralista tinha relação doutrinária com o fascismo, não só no seu programa, inspirado nos princípios corporativistas da ideologia italiana, mas também nas exterioridades, o uniforme, o símbolo, a saudação.⁸⁹ Para ele, o fascismo não inspirava mais do que uma simpatia um pouco distante, pois nunca havia assimilado totalmente o ideal corporativista: “...de certa forma a *Carta Del Lavoro*, feita pelo Partido Nacional Fascista, foi copiada no programa do Partido Integralista”⁹⁰ Havia também a influência mais distante

⁸⁴ Idem. *Dr. Philemon da Matta escreveu para a “Cidade de Olympia”*. Jornal “Cidade de Olympia”, 13 de janeiro de 1935. P. 1.

⁸⁵ Idem. *Reparos Integralistas*. Jornal “Cidade de Olympia”, 24 de fevereiro de 1935. P. 1.

⁸⁶ DAUD, Fuad. *Esboço de uma Victoria*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de setembro de 1935. S/P.

⁸⁷ AMARAL, Ruy do. *O Drama Hespanhol*. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de novembro de 1936. S/P.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

⁹⁰ Idem.

do nazismo, mas Ruy do Amaral não soube precisar exatamente quais seriam essas influências.

Embora a maioria da população local fosse formada por não letrados, incapazes talvez de compreender o fascismo, em geral ela acreditava que o integralismo tinha alguma relação com o fascismo, não uma relação direta, mas que tratava-se de uma paráfrase do fascismo, ou seja, uma adaptação do fascismo à nossa civilização tropical.⁹¹

É no mínimo estranho que uma população formada basicamente por trabalhadores rurais fosse capaz de uma interpretação desse nível. Poderia sim, perfeitamente, relacionar as duas doutrinas, pois como vimos pelos artigos, os camisas-verdes locais faziam do parentesco uma forma de propaganda visando exatamente atrair a simpatia do público, alardeando o fascismo como salvador de nações em “eminente perigo vermelho e judeu”. Leandro Zampieri, simpatizante da doutrina aos 14 anos, não via relação entre as duas doutrinas.⁹² Também João Batista Ricciardi (participou do movimento em Olímpia aos 9 anos) apenas entendia a A.I.B. como anticomunista, defensora da propriedade individual e de Deus, da Pátria e da Família.⁹³ Orlando Suprimaro Palombo, integralista em Barretos, não tinha dúvidas de participar de um movimento fascista.⁹⁴ Enfim, são poucos os camisas-verdes sobreviventes que admitem ter participado de um movimento influenciado pelo fascismo, talvez por medo do estigma que acompanha a doutrina italiana nos dias atuais, diferentemente dos anos pré-Segunda Guerra, quando o fascismo era abertamente defendido como “o triunfo da civilização cristã”.

⁹¹ Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

⁹² Leandro Zampieri nasceu em Olímpia em 20 de junho de 1920. É corretor de seguros aposentado.

⁹³ João Batista Ricciardi nasceu em 23 de junho de 1928 em Olímpia. Foi integralista aos 9 anos, residia numa mansão na esquina da Praça da Matriz, vizinha a sede da A.I.B.. É assistente técnico industrial aposentado.

⁹⁴ Orlando Suprimaro Palombo nasceu em Barretos em 21 de abril de 1914. Foi comerciante. Concedeu entrevista a este autor em Barretos em 9 de março de 2001.